

UMA DECLARAÇÃO DE AMOR

Osiris Lopes Filho

Quando a conheci, no início dos anos 60, era ainda criança, embora já prenunciasse formas que anunciam uma notável beleza plástica em desenvolvimento.

Mais tarde, uma década depois, passei a ter contato íntimo com ela. Já caminhava para o esplendor, para a pujança de suas formas juvenis. Tinha, como prenúncio de uma nova era para a juventude, a liberdade de movimentos, a alegria e encanto dos jovens, a abordagem fácil, a solidariedade com o próximo.

Agora é uma criatura madura. Está na categoria das pós-balzaquianas. Mas já apresenta sinais evidentes de decadência. A cútis sedosa é uma lembrança do passado. A pele apresenta-se enrugada, envelhecida precocemente. Há necessidade de um Pitanguy a lhe melhorar a plástica. Apresenta sinais anunciantes de decrepitude. Falta-lhe em algumas partes mais expostas, aquele toque de asseio, limpeza e frescura, que caracteriza o encanto feminino.

Algumas maquiagens têm ressaltado suas deficiências. Há exagero nos tons utilizados para melhorar sua apresentação.

Suas ligações não têm sido duradouras. Durante a ditadura militar teve união pro-

fícuia com alguns coronéis. Fizeram-lhe bem, submetida a bons tratos.

Conseguiu libertar-se da tutela apenas recentemente. Deram-lhe independência e autonomia para decidir livremente sobre sua vida, seu futuro.

Mas sua prole já tinha aumentado muito. A família cresceu. Multiplicou-se. Ela não mais monopoliza as atenções, pela sua beleza, hoje gorda demais, com excesso de banhas e problemas de saúde, seu coração extenuado a suportar grandes tensões, suas vias circulatórias cheias de entulhos e obstruções.

Nos últimos tempos resolveu mudar suas ligações. Tentou se reciclar. Estabeleceu uma nova união, dessa vez mais democrática. A palavra certa é popular. É assim que entendo Brasília. Como uma mulher, outrora exuberante, hoje caprichosa, almeja a beleza tranquila, a paz e a serenidade das senhoras maduras, que não buscam mais aventuras, que não provocam sustos pela sua formosura, mas tem a experiência de uma existência vivida intensamente. O tempo atual é o da preservação das virtudes.

■ Osiris de Azevedo Lopes Filho, 57, professor de Direito Tributário na Universidade de Brasília — UnB